

Discurso proferido pela Juíza Presidente Adriana Nucci Paes Cruz por ocasião da posse do Juiz Lauremi Camaroski no cargo de Presidente do Tribunal Regional do Trabalho da 9ª Região^()*

“Não somos culpados pelos males do presente, mas somos responsáveis pelos bens do futuro (Emir Caluf).

Pelas mãos de Deus, chego hoje ao sopé da montanha que transpus pela trilha aberta no curso da já conhecida caminhada pela Justiça do Trabalho. Quando de minha posse, disse do auxílio que teria de meus colegas comigo alçados à Vice-Presidência e à Corregedoria aos quais passo o leme desta nau, convicta de que a conduzirão alheios à sedução das Nereidas do desânimo. Efetivamente, deles recebi apoio, atenção e carinho, que restarão para sempre na lembrança deste tempo e nas ranhuras do coração. Não farei qualquer comentário sobre o trabalho desenvolvido pela Direção do Tribunal enquanto estive à sua frente, mesmo porque, se produtivo foi, é de fácil verificação; caso contrário, não será nesta última hora que lograrei convencer aqueles que assim não o consideram. Todavia, não posso deixar de mencionar a fundamental colaboração recebida de todos que me ampararam até aqui. Nenhum servidor, por mais obscura que seja a sua função, merece ser excluído desse elenco, pelo que não poderia nominar a qualquer deles, sem cometer injustiça para com os demais. Mas sei que cada um tem convicção do seu valor e do reconhecimento que

^(*) Cerimônia de posse realizada em 15/12/2001, no Plenário do TRT da 9ª Região

^(**) Publicado no 1º semestre de 2002, pois a edição referente ao 2º semestre de 2001 foi comemorativa aos 25 anos do TRT.

lhes ofereço nesta oportunidade. Procuo árvores em cuja sombra possa descansar e vejo, sob muitas, mesas toscas, com cadeiras à sua volta. Há pessoas sentadas, mas que a visão prejudicada pelo tempo impede-me de identificar. Percebo que me chamam e delas me aproximo. Com olhos afogados na emoção, vejo aqueles que abandonei para percorrer a estrada de que falei há dois anos. Ali também estão todos que me ajudaram na sementeira das flores que plantei e que me embalsamaram nas dores que sofri. Não sei o que lhes dizer. Sento-me com eles que compreendem a minha letargia e de mim nada exigem, apenas me perdoam. Entretanto, todos têm pressa em partir, pois ainda não terminaram sua labuta na montanha. Como eu, esperam que a cada passo dado, um centésimo de milímetro tenha sido aplainado. Assim, voltam à sua faina, enquanto me deixo ficar por não mais precisar ir. Mesmo que não queira, rememoro as palavras de Saramago e as repito quase sem perceber:

Estar sentado frente ao mar. Pensar que já não restam muitos anos de vida. Compreender que a felicidade é apenas uma questão pessoal, que o mundo, esse, não será feliz nunca. Recordar o que se fez e achá-lo tão pouco. Dizer: ‘Se eu tivesse mais tempo...’ ___ ‘e encolher os ombros com ironia porque são palavras insensatas. Olhar a pedra vulcânica que está no meio do jardim, bruta, áspera e negra, e pensar que é um bom sítio para não pensar em mais nada. Debaixo dela, claro.’.

Muito Obrigada.”